ANTONIO MULATINHO

Os Horrores de Manaus

I A infeliz Etelvina em Março de 1901,

II Tiroteio de 26 e 27 de Fevereiro, em 1893.

III A morte das 4 creanças no bairro do Mocó, em Setembro de 1895.

IV O crime do Barba Azul, em Junho de 1901.

V Saudades do meu sertão.

QUARTA EDIÇÃO

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO YPIRANGA MONTEIRO

2010
amp

10

Manáos—1939
Secção dA TARDE—Barroso, 133

ANTONIO MULATINHO

Os Horrores de Manaus

I A infeliz Etelvina em Março de 1901,

II Tiroteio de 26 e 27 de Fevereiro, em 1893.

III A morte das 4 creanças no bairro do Mocó, em Setembro de 1895.

IV O crime do Barba Azul, em Junho de 1901.

V Saudades do meu sertão.

QUARTA EDIÇÃO

2010

Manáos—1939
Secção d**A TARDE**—Barroso, 133

A PROPOSITO

Animado pelo justo almejo de ver perpetuada na pedra a memoria daquella que entre os viventes, fora a victima imbelle da paixão amorosa de um tresloucado moço, que lhe sacrificára a vida, facto ruidoso e commovente, que, por isso mesmo, chegou a ser cantado em verso triste, como triste fora seu fadario, pelo bardo popular Antonio Mulatinho, o «Comité» de creaturas piedosas, que tomou a si mesmo o encargo de melhorar, de modo digno, o tumulo de ETELVINA DE ALENCAR, achou que devia reeditar a presente obra poetica em que está enfeixada aquella tragedia, para, com o seu producto monetario, levar avante seu *desideratum*.

Nada mais humano e mais justo. E' que tragedias como essa, que roubou a vida de uma donzella em plena florescencia de viço, não pode ficar sómente na tradição escripta, empoeirada nos archivos e desapparecida no correr dos tempos, da memoria de todos. Entre a tradição oral e a escripta, que passam, ha que fica, gravada no granito, *peronia seculo seculorum*, attestando o sentimento de piedade e o de respeito á memoria santa de ETELVINA DE ALENCAR: o seu tumulo.

Alea jacta est. E a benevolencia nunca sonegada dos manauenses, compensará o esforço piedoso do «Comité», agradecido.

A INFELIZ ETELVINA

A' Colonia Cearense

O dia nove de Março
foi um dia pavoroso,
na Colonia «Campo Salles»
se deu um crime espantoso.

Havia um moço bahiano,
José Francisco Ribeiro,
que tinha vinte e dois annos,
tão manso como um cordeiro,
e fôra para a colonia
trabalhar de carpinteiro.

Para José, despontou-lhe
um dia a vida brilhante
quando foi alli morar
uma infeliz immigrante,
viuva, chamada Antonia,
em lugar pouco distante.

Quatro filhas possuia
sendo tres dellas solteiras,
todas gentis e bonitas
airosas, bellas, faceiras,
era a segunda Etelvina,
a mais formosa e franzina.

Na quinzena derradeira
á convite de Versoli,
como era esperta e ligeira
fora p'ra casa do chefe,
na propria Administração,
trabalhar de cosinheira.

José, apenas a viu,
da moça se enamorou,
prometteu-lhe casamento
que ella contente acceitou.
José ficou satisfeito
seu coração se alegrou.

Ella porem namorava
a tres rapazes solteiros:
Antonio, Estevam, Henrique
desempenados, lanceiros,
embora José fosse claro,
os outros fossem trigueiros.

No dia sete de Março,
elle a ella perguntou,
se estava pela palavra
que lhe dera e penhorou:
e a resposta que teve,
ao triste desenganou.

José ficou mudo e quedo,
nada mais lhe objectou;
no dia oito seguinte
para Manáos se botou:
armado de rifle e balas
para a Colonia voltou.

Chegou peor que uma fera;
vendo Estevam descuidado,
foi desfechando-lhe um tiro.
O pobre corre assustado,
mais outro golpe dispara,
Estevam cae traspassado.

Adiante encontra a Henrique
que era o outro namorado,
em cima assenta-lhe o rifle.
Henrique, assim provocado,
quando o rifle detonou,
estava ao outro enlaçado.

Luctaram, pois, braço a braço
ambos elles desarmados,
té que por fim se soltaram
da lucta exhaustos, cançados,
como dois gallos brigões
vencidos não saciados.

Henrique assim fatigado
quer fugir sem rumo e tanto,
José aponta-lhe o rifle
nas trevas sem fazer ponto,
e já consigo dizendo:
«Este matei, ficou prompto!»

Vem para a Administração
feroz como um condemnado,
e no caminho encontrou-se
com um caboclo deitado;
apontou-lhe e deu-lhe um tiro,
deixando o pobre enrolado.

Seguiu para casa da moça
e na mesma damnação,
matando a quem encontrava
com rifle e balas na mão.
Metteu o coice do rifle,
deitou a porta no chão.

A moça afflicta gritou
por Jesus e por Maria,
mais pelos Santos do céo
na afflicção em que se via,
que lhe accudisse um christão
naquella grande agonia.

Nisto Versoli, abre a porta,
Logo que tal avistou,
grita: José, o que é isto?
Nem a pergunta acabou,
pois uma bala do rifle
a bocca delle fechou.

Quando a pobre quiz correr
nessa tamanha afflicção,
José medonho e possesso,
avançou e deitou-lhe a mão,
arrastou-a quasi nua,
pés descalços, em camisão.

Ella ia assim arrastada,
quando adiante chegou,
e no meio daquelle escuro
co'o o doutor Dias topou;
á elle foi se abraçando,
desfeita em pranto e chorando.

Doutor Dias, nada disse,
ficou de pé e calado,
pensativo e quasi louco
temeu ser assassinado
vendo o ar medonho, hisurto,
desse monstro resoluto.

A pobre moça gritava:
José me tem compaixão,
dou-te o corpo, dou-te a vida,
dou-te mais o coração,
me leva meu bem, comtigo,
não me arraste pelo chão.

Partiu-se em busca da matta
qual onça comideira,
em noute tão tenebrosa
sem se quer levar a esteira,
a matta escura, um horror,
passaram assim sexta-feira.

No posto quarenta e sete
ainda de madrugada,
entraram de matta a dentro,
escura, feia, cerrada,
a infeliz Etelvina,
de espinhos toda crivada.

A's passadas que ella dava
ia pedindo e rogando:
«José, meu bem, meu querido,
aonde vaes-me levando?»
Ella na frente, elle atraz
foram-se os dois caminhando

Na descida de uma baixa
todos os dois á proseguir,
diz Etelvina a José:—
«Que não me matas aqui?«
E José lhe respondeu;—
«Será quando o sol sahir».

E lá na subida de um teso,
quasi no seu declinar,
diz José para Etelvina:
«Eis aqui o teu logar;
eu por ti já matei quatro,
agora vou-te matar».

Logo que a moça isto ouviu
se ajoelha, põe a mão,
«José querido e amado
eu dou-te o meu coração
mas antes que tu me mates,
ouve-me de confissão».

Parece que os céos
e a gloria de Abrahão,
porque disse: « Pae Eterno
de mim tende compaixão,
eu entrego esta minh'alma
na vossa divina mão.

Não sinto morrer, que a morte
não me aterra o coração;
sinto a dor de minha mãe,
sabendo a minha aflição
e morrer tão longe della
sem ter a sua benção.

Mais ai! não posso fugir
á tão triste condicção,
a minha sina é tão triste
que morro sem confissão
distante dos meus amigos;
de pae, de mãe e de irmão.

E se é esta a minha sorte
abraço-a com contricção
Se Deus assim permitiu,
me dará consolação,
se morrer sem ver aquelles
amados de coração.

Oh! Meu pae! Eterno pae!
dae-me dos céos um clarão,
já que na terra não tenho
a santa luz da benção,
morrendo assim nestas brenhas
tal como morre um pagão.

Chegou meu ultimo dia,
dae-me a vossa protecção,
essa que vós dispensaes
aos filhos todos de Adão.
Deus do céo, salvae minh'alma
« José, venceu-te a paixão ».

Disse depois: — « minha mãe,
és meu amor, meu desejo;
mas ha! querida mamãe,
és longe sim, não te vejo
para eu na hora da morte
te dar o ultimo beijo.

Oh! Mãe! querida mamãe!
sou longe de ti, não posso
como um consolo supremo
receber um padre nosso,
a carne talvez não vejas
mas has de ver os meus ossos.

E depois quando elle viu
A moça assim confessada,
firmou tres passos atraz
deu-lhe descarga cerrada,
soffrendo a pobre Etelvina
esse martyrio calada.

Recebe o ultimo tiro
fatal, cruel, matador;
desmaiou, cahiu por terra,
fazendo cara de riso,
« José, lhe lhe diz, meu amor,
não vás perder o juizo!

Adeus, amante querido,
té o dia de Juizo
venceu-te a tua paixão
e não terás prejuizo,
talvez possamos nos ver
ainda no « Paraiso »

José a vendo já morta,
sem que o ouvisse ninguem,
« Por ti lhe diz, matei quatro,
por amar-te e querer bem »
Meteu o rifle no peito
cahindo morto tambem.

* * *

Quando depois no levante
a meiga aurora assomou,
para encontrar seu amante
de pezar ficou chorando,
vendo os crime que na terra
Amor vive praticando.

Ninguem nisso cogitava
embora se conversando
n'aquillo que se passava
a pobre mãe a buscando,
quando viram-se depois
uns urubús corvejando,

E logo uns oito colonos
todos com muita attenção,
sahiram n'aquelle rumo
se approximando e então,
poderam olhar esse quadro
que fazia compaixão.

Quem que o podera prever
tanta maldade e malicia !
De um crime tão horroroso
era nenhuma a noticia,
João Martins foi que lembrou-se
communicar a policia.

Assim o soube á policia
que no outro dia chegou,
para saber da verdade
como de facto encontrou,
as ossadas delles dois,
della e delle que a matou.

Carne nos ossos não tinham
estavam desconjenhados,
costellas, pernas e braços
todos elles dispersados,
o rifle junto as caveiras
desses dois desventurados

Preparou-se o regimento,
soldados da Infantaria,
acompanhados d'alguns
outros da Cavallaria,
marcharam para a Colonia
por cerca do meio dia.

Pelas tres horas da tarde
para lá tambem seguiu
o Chefe de Segurança
p'ra fazer a vistoria
no cadaver de Versoli
que vingança lhe pedia.

Passou-se assim toda noite,
toda a noite a vigiarem,
para melhor garantia
varios pontos patrulharam;
sem saber do resultado
no outro dia regressaram.

Deixemos a pobre morta
no triste descanço della
deixemos quanto soffreu
pezar de moça e tão bella,
vamos ver a dôr profunda
que a triste mãe esphacela.

Oh! Virgem Santa que horror,
que immensa barbaridade,
quanto soffreu Etelvina
morrendo na virgindade
nas mãos daquelle chacal
na primavera da idade.

A velha mãe quando soube
desmaiou, cahiu no chão,
dando gritos lancinantes
que inspiravam compaixão,
como se setas agudas
ferissem seu coração.

Pezarosa, allucinada,
sem ter nenhuma esperança
vive sem consolação
vivendo só da lembrança
que sua vida alimenta
da pobre e triste creança.

Meu Deus, que fatalidade
que mortandade tão feia!
pr'a aquella fera medonha
não lhe bastará a cadeia,
mas o inferno pr'aquelle
roubador da vida alheia!

Oh! Grande pae justiceiro
com a vossa magestade,
castigae esse malvado
não lhe tende piedade
castigai-o para exemplo
desta vossa humanidade.

Chora toda a creação,
quando ver tão triste sina,
daquella triste infeliz!
que foi chamada Etelvina,
no amor materno creada
desde o berço, pequenina.

Aqui findou-se o romance
da infeliz creatura,
que teve um berço, coitada,
mas não teve sepultura
e foi ter naquellas matias
uma morte tão escura.

Mas, findando eu peço auxiilo
de quem esta historia ler,
principio de muita coisa
que este seculo inda ha de ver,
coisas feias, horrorosas
as quaes têm de acontecer.

Paguem-me se eu merecer,
paguem se acharem razão
eu não offendo os poetas,
antes lhes peço perdão;
desejo, mas não mereço
essas honras que me dão.

Apenas isto é um meio
de algum recurso pedir,
auxilio eu quero de todos
que vem meus cantos ouvir,
não canto só o passado
canto tambem o porvir.

Ninguem critique de mim
choro, ninguem me consola,
eu estudos nunca tive
nem nunca andei pela escola,
só sei tanger minhas trovas
ao rude som da viola.

Este século incipiente
coisas boas não angura,
porque veio nos mostrando
uma feia catadura,
promettendo a humanidade
vida cheia de amargura.

Janeiro todo foi máu ;
não choveu, fez ameaço ;
veio depois Fevereiro
que tambem foi muito escasso;
Março trouxe entre outros males,
o crime da « Campos Salles »

Após Março chega Abril
que algumas chuvas nos deita
governou seus trinta dias
perfeitamente o planeta;
Maio no céo nos mostrou
um pavoroso cometa.

Julho a Maio succedeu
cumprindo a ordem divina,
e foi quando então se deu
a morte de outra menina,
que tanto nos commoveu,
como a da pobre Etelvina.

O 26 de Fevereiro

No anno de noventa e tres,
vinte e seis de Fevereiro,
as horas sete da noite,
se deu um drama guerreiro
do grandioso governo
desse Eduardo Ribeiro.

Nesse dia, já por tarde,
Juntaram-se os batalhões.
Nacionaes e Democratas
proclamando em altos sons :
Fiquem todos castellados
nas suas repartições !

Indo o grande General
ao quartel de seu commando,
ás quatro horas da tarde,
viu pouo se agglomerando,
ao qual de caso pensado
Geographo ia matando.

Geographo estava sentado,
mas vendo o General Bento,
se levantou furioso,
de despeito e violento,
e desfechou-lhe alguns tiros,
sendo preso no momento.

Recolheu-se ao seu logar
com as vozes de prisão,
reuniu-se o povo em massa
com o exercito e esquadrão
e chega o Doutor Uchôa
que ia no mesmo cordão.

Clamava Uchôa e rogava
seus rogos ninguem ouvia,
para obter a soltura
tão lagrimoso pedia,
quando vem em meu soccorro,
a grande cavallaria.

General gritando em frente
dava os planos necessarios.
A soldadesca agitou-se
quando chegam os adversarios.
Foi logo de parte a parte,
mais como ensaios primarios.

A noite passou-se em claro
os piquetes de vigia,
em toda quadra da rua
já ninguem passar podia,
e começa um fogo egual,
pelas seis horas do dia.

D'ahi ha poucos minutos
foi a Alfandega tomada,
e logo nos primeiros tiros
sentinella cae varada;
morreu no ponto de honra,
não foi a farda manchada.

Piquete em todos os beccos
até São Sebastião,
e na matriz, nos Remedios,
na rua da Installação
miolos no meio da praça
que fazia compaixão!

E se vio o padre Amancio
mais Casemiro e o irmão
perto da Beneficencia,
ferozes como um leão
animando o Trinta e seis,
Fogo! Fogo! Batalhão!

No meio do tiroteio
ninguem via um vagabundo
As peças de vez em quando
estrondo davam profundo.
Correm mulheres gritando
Ai! Jesus, é o fim do mundo.

Se viam familias ricas
em meio dessa afflicção,
correndo de matto a dentro
na maior agitação.

Deixavam seus cabedaes
procurando a salvação.

Moça bonita isto lendo,
eu peço que não se zangue,
eu não quero que se envergonhe,
ao seu rosto suba o sangue.
Muito na moita escondeu-se
qual carangueijo mangue.

Mas que tres dias terriveis,
nunca viu-se tanto horror!
Pobres creanças corriam
cheias de susto e pavor!...
Os paes diziam: Meus filhos,
são graças do pensador?

O tiroteio cerrado
trovejou toda a cidade,
todo o commercio fechou-se,
não se comia á vontade.
Os canhões, de quando em quando,
soavam na immensidade.

A policia se preparava
com rancor nos corações
p'ra brigar a ferro frio
por já não ter munições.
O Triuta e seis precaveu-se
p'ra brigar tres verões.

Era uma hora da tarde
o fogo sempre apertado
os mortos de parte a parte
cahiam de cada lado.
Sendo tudo após a lucta
por toda parte enterrado.

Pelas tres horas da tarde
tiroteio foi cessando,
quando viu-se um marinheiro
do quartel se aproximando,
mostrando signal de paz
a bandeira tremulando.

Tremendo pediu licença
e permittida elle entrou,
trazia um papel na mão
ao generel entregou
e este um carro tomando,
foi falar ao pensador.

E depois da conferencia
vem com semblante mudado

« Deponhamos, diz, as armas,
O governo é de Eduardo »
Dizem as linguas malignas ;
que o Generni foi comprado.

Casimiro Grande disse :
« Matemos esse covarde,
toquemos fogo para a frente,
e depois, que Deus nos guarde,
deportemos Pensador
que matar nos faz alarde.

O General então gritando
assim diz em altos sons :
Elle fica no governo,
já empenhou-me os seus dons
e que não fere a ninguem
jurou-me por seus galões.

Quando foi no outro dia,
Depois que teve a victoria
foi quebrando o juramento
uma mentira, uma historia,
foi prendendo os Nacionaes,
os surrando a palmatoria.

Mezes apoz o tumulto
quiz já tratar do « processo »
para firmar seu governo,
reuniu o seu Congresso
que só fez de seus amigos
que alli tiveram ingresso.

Alargamento das ruas
foi o primeiro serviço
e fez depois o theatro,
aproveitando a seiva o viço
do erario foi fazendo
Quartel, Gymnasio e Hospicio.

Se fizeram calçamentos
quatro pontes quiz fazer
bondes, locomotivas,
e fez mais desenvolver
a grandeza desta terra,
como todos podem ver.

Agora pede desculpa
o pobre versejador,
o qual só canto a verdade
na viola ou no tambor,
os versos da sua musa,
em honra do Pensador.

Viva a memoria do vulto
que entre nós aqui ficou,
tão eximio Patriota
que tão infeliz se enforcou
fugindo a essa miseria
deixando a triste materia.

A morte das 4 creanças

A' quatro do mez dolente
Setembro de noventa e cinco,
deu-se em Manáos um horror
que fez pasmo á muita gente
e vou cantar com afinco
n'estes versos tristemente.

Foi no bairro do Mocó
que tal drama se passou,
um assassino roubou
— Por malvadeza foi só —
a vida á quatro crianças
quatro verdes esperanças.

A mais velha era Maria
uns oito annos contava,
Francisca apenas teria
seis annos e já falava.
Manoel e Arthur, pequeninos,
eram os outros dois meninos.

Não estava o pae em casa ;
a mãe fora bem cedinho,
prá lavar roupa na fonte,
sem recear de visinho,
pois a vida assim levava,
tanto a pobre trabalhava.

Ao meio dia voltando
á porta bate : « Maria !
e depois fica esperando,
nem um rumor se ouvia,
Chama de novo, mas nada,
a porta sempre fechada.

Como louca, alucinada
corre para casa do Pedro,
que estava á mesa almoçando
e foi logo perguntando
com voz triste agoniada,
indaga da prole amada.

Pedro lhe diz: «Eu não sei,
as creanças cá não estão.
Paulina desfeita em prantos
cae fulminada no chão,
sem fala, muda abatida
na dôr mais funda e sentida.

Pedro a toma pela mão
a triste mãe magoada
chegaram em frente da casa,
co'a a porta ainda fechada,
Pedro espia a fechadura,
a sala dentro estava escura.

Pedro então se resolveu,
subir ao tecto p'ra vêr
o que dentro se passava.
Mas que dôr que elle vae ter!
Tres creanças degoladas
todas de sangue enchardas.

Pedro correu pressuroso
era mais de meio dia,
foi avisar a Policia
da desgraça que sabia.
Em breve o povo em tumulto
para alli todo afluia.

O dr. chefe avisado
chegou nessa occasião,
e viu o povo em redor
uma grande multidão,
e para ver o negro quadro
deitou a porta no chão.

Doutor chefe commovido,
ficou de pé e calado
como de um raio ferido,
tanto ficou traspassado,
Manoel não sendo alli,
mandou fosse procurado.

Manoel de certo que havia
de medo o pobre fugido,
ás furias do matador,
do qual sendo perseguido
foi d'alli pouco distante
da negra parca colhido.

Estava junto a uma moita,
morto, jazia no chão;
tinha um golpe na cabeça
e decomposta a feição.

O mesmo ferro o matara
que á seus irmãos acabara.

Perdeu Paulina o consolo,
de seu filhinho querido,
15 que, coitado, estava morto
longe na mata mettido.
Paulina fazia dó
a toda a gente do Mocó.

Cahio, a triste por terra
se revolvendo no chão,
16 soltando gritos de dôr
que faziam compaixão.
Quem a via assim chorar
sentia triste afflição,

Abalou toda a cidade
esse crime nunca visto.
17 O povo com anciedade
de dôr estava tomado,
ante tanta crueldade,
de um bandido desalmado.

Doutor Chefe de Policia,
no mesmo dia mandou
18 buscar o pae das creanças.
No outro dia elle chegou;
mas que pesar não sentiu
quando os filhos não achou.

Quasi louco José Antonio,
abraçou-se com Paulina,
19 sentindo ambos a dôr
mais cruel e mais e ferina,
que se pode aqui soffrer,
que melhor fora morrer.

Eu a vi a população,
se mover de compaixão.
20 Se martyrio houve no mundo,
foi triste, Deus da Paixão,
foi o da pobre Maria
que morta o povo alli via.

Grande martyr foi Estevam
morrendo por sua fé,
martyrisado foi Pedro
21 e tambem como se crê,
foi martyr Paulo e João
apostolos da Religião

Grande martyr foi Estevam
morrendo por sua Fé,
martyrisado foi Pedro
e tambem como se crê,
foi martyr Paulo e João
apostolos da Religião.

Martyr tambem foi no mundo,
Christo Jesus da Paixão
e foi martyr São Vicente,
e tambem Sebastião,
Maria soffreu mais
immolada com tres irmão.

Soffreu muito a virgem Pura,
envolta em triste afflição,
vendo seu filho na cruz,
vendo morto o seu Jesus;
mas Maria soffreu tanto,
que causa horror e espanto,

Agora diga quem souber
fazer a comparação,
entre a Santa Virgem Pura
e Paulina pobre mulher,
quem soffreu mais afflição
quem soffreu a dôr mais dura.

Ambas ellas mães,
ambas ellas se exibiram
no mesmo triste theatro.
todas duas assistiram:
a Virgem a morte de um filho
Paulina a morte de quatro!

Façanha horrenda, espantosa
verdadeira não ficticia.
do assassino que fugia
ninguem não tinha noticia.
Mandou fazer deligencia
Doutor chefe de policia.

Doutor Abel muito afflicto
foi ordenando ao prefeito
que mandasse uns agentes,
rondasse tudo e direito
que queria capturado
esse assassino damnado.

Dizia mais o Doutor
lancinado o coração.
Como autoridade que sou,
aqui nesta communhão

que vergonha para mim
si não pegar o ladrão.

E repetiu em voz alta
carregando presumpção:
hei de ter esse malvado
seguro na minha mão
e se acaso não prendel-o
peço a minha demissão.

O Florencio e o Bittencourt,
rondaram pois, noite e dia,
afflictos, agoniados,
na mais exacta vigia
e para prenderem o lobo
nenhum comia e bebia.

O povo só conversava
na grande barbaridade
desse famoso assassino
e terror da humanidade.
No dia treze o prenderam
pelas tres horas da tarde.

Era um feio caboclo immundo
mãos pequenas, pés enormes
e corpulento e rutundo,
era um ente negregado
nojento, pórco, andrajoso,
miseravel vagabundo.

Ao chegar na chefatura
logo foi interrogado
tinha um semblante de féra
que indicava ser culpado.
Essa horrenda creatura
a côr tinha quasi escura.

Dahi se foi p'ra cadeia
a féra horrenda a cruel,
que roubara a vida alheia
derramando o negro fel
nos corações lacerados
de pobres paes desgraçados.

Zé Lopes o Barba-Azul

Ao Delermano.

Feio crime assustador
fez outro monstro malvado,
um José Lopes de Souza,
que sendo recem-casado,
envenenou a consorte,
de caso premeditado.

Na vespera de São João,
vejam que dia escolheu !
foi a botica, comprou
o veneno que lhe deu,
ella obedece e chorando
pegou o copo e bebeu.

Decorrida meia hora,
estando ella a gemer
pergunta á moça o bandido
o que ella estava á soffrer,
a triste nada responde,
sabendo que ia morrer.

A creada afflita corre
o caso foi referir
á pobre mãe, que vem logo
a sua filha acudir,
pergunta indaga. Calada
a moça não lhe diz nada.

A velha mãe consternada
vendo a filha assim doente,
mandou chamar o doutor,
que foi logo incontinente,
e depois de examinada
disse estar envenenada.

Zé Lopes disse:—«E' mentira,
muito alegre e satisfeito.
—Seu doutor veja o que diz,
faça o serviço direito.»
Mas o doutor replicou-lhe
«Eu já não posso dar geito».

Delermano como pai
sabendo do sucedido,
ficou em taes condições,
como de um raio ferido
e foi correndo p'ra casa
allucinado e perdido.

Quando á casa foi chegado
da moça se approximou
e foi vendo o triste estado
a que sua filha chegou,
pode bem ser calculado
como esse pae não ficou.

Já era antiga mania
desse bruto sem criterio.
assassinar as mulheres
innocentes de adulterio,
só pelo gosto de vel-as
guardadas no cemiterio.

Era o que o povo sabia,
a cidade toda inteira
que elle tinha por costume
fazer essa brincadeira;
pois enterrara já tres,
essa não era a primeira.

A pobre mãe quando viu
a filha morta na sala,
e a familia toda em roda
para ver amortalhal-a
desmaiou, cahiu no chão,
ficou tres horas sem fala.

Amava a sua filhinha
como os cajús as castanhas
a trouxera nove mezes,
dentro de suas entranhas
agora a via assim morta
depois de dores tamanhas.

Zé Lopes era túruna
na grande Maçonaria,
era do gráu trinta e tres
e por isso elle entendia
poder matar as mulheres,
como o Barba Azul fazia.

Porem o Chefe Supremo
telegrapha incontinente
para a Loja que o fizera
em Manáos seu presidente,
que esse monstro eliminasse
e suas honras cassasse.

Hoje elle está na cadeia
como qualquer criminoso,
saiu-lhe o anno bissexto
e alli espera choroso

dos homens o julgamento,
que deve ser rigoroso.

Se ainda pensa livrar-se
p'ra se casar novamente,
e proseguir nessa sina,
que teve tão tristemente,
de Deus a summa bondade
poupe a pobre humanidade.

SAUDADES DO MEU SERTÃO

Oh! que saudosas lembranças
que profundo sentimento,
refluem neste momento,
no meu triste coração,
Só vejo uo peito á sombra
de minhas perdidas flores,
saudades dos meus amores,
recordações do sertão,

Oh! serras, valles, montanhas,
rochedos, penhas, cascatas,
florestas, bosques e mattas,
genios meus das solidões,
vinde, vinde visitar-me,
minh'alma por vós suspira,
geme por vós minha lyra,
nas suas tristes canções.

Oh! azuladas campinas,
jardins da minha existencia,
alli minha adolescencia,
passei em sonhos gentis,
qual creancinha travessa,
no cume das serranias,
ao sopro das ventanias,
em busca dos juritys.

Oh! quantas flores esparsas,
nas fraldas dos vossos montes,
quantos suspiros nas fontes;
das brisas no perpassar.
O vento geme na gruta,
A onça abala a cascata.
o touro estremece a matta;
a rôla enternece o ar.

Naquellas horas saudosas,
quando menino boiavam
e nos moirões assentavam,
na porteira do curral.
As vezes tambem cantando,
para ver quando soltavam,
as vaccas que alli pastavam,
nas verdes grammas do val.

Ai ! quem me dera inda ver,
aquelles valles sombrios,
das margens d'aquelles rios,
que correm lá no sertão;
o ronco das cachoeiras
quando a chuva alaga o prado
ver o arranco do gado
todos ao som do trovão.

Como é bello o sertanejo,
correndo atraz do oiteiro,
do novilho mucambeiro,
no seu campeão audaz;
parece rubro corisco,
na carreira não se atraza,
parece arrancando braza,
no seio dos matagaes.

E quando nas grutas medonhas,
embrenha um touro bravio,
saltando á margem de um rio
em busca de um boqueirão.
Como é sublime a victoria,
da serra, no despenhado
qnando o rapaz encoirado,
derriba o toiro no chão,

Quando no pateo immenso,
da casa do fazendeiro,
vae-se avistando o vaqueiro,
se regressando do val;
como é bello contemplar,
andarem todos feridos,
os gibões, todos rompidos
guiando o gado ao curral.

Quem que ao menos não deseja
gozar na vida um momento,
de doce contentamento,
que alli desfructa então;
aquelles gozos sublimes
da innocencia da puresa
só não ama a natureza,
quem nunca foi ao sertão.

Ai! quem me dera, eu pudesse
lá no sertão dos primores
contemplar inda os fulgores
dos horizontes azues;
mirar a face brilhante
das estrellas luminas,
o som das horas saudosas
lembradas pelos inambús.

Inda uma vez eu rizonho
visitaria as campinas
aquellas verdes collinas
aquelles lagos gentis,
em cuja face argentina
muitas vezes delirante
eu retratei o semblante
contemplando os pastoris.

Tenho saudades dos valles
das selvas, das cordilheiras,
das fontes, das cachoeiras,
das malhadas dos curraes;
do murmurio das grutas,
do ar, do céo e das flores,
das varseas, dos seus verdores,
das ramas dos bamburraes.

Do echo das arapongas
do triste gemer das emas,
do grito das seriemas
do canto das aracuans;
dos periquitos, jandaias,
dos papagaios, parando.
das azas braneas cantando
do vôo das maracanans.

Oh! meu Deus fazei que eu gose
inda um momento dos sonhos,
Celestes, meigos risonhos,
da minha quadra infantil:
eu quero morrer cantando
o berço dos meus amores,
beber perfume das flores
nas bellas manhans de abril.

De todos eu tenho saudades
de tudo eu tenho lembrança:
porem o sol da esperança:
não brilha em meu coracão.
Só sinto no peito a sombra
dessa passada existencia,
saudades da adolescencia
recordações do sertão!

AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - Lei nº 9.610/98). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura

CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA